

JORNAL DA

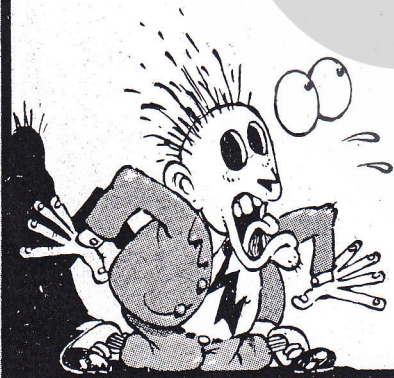
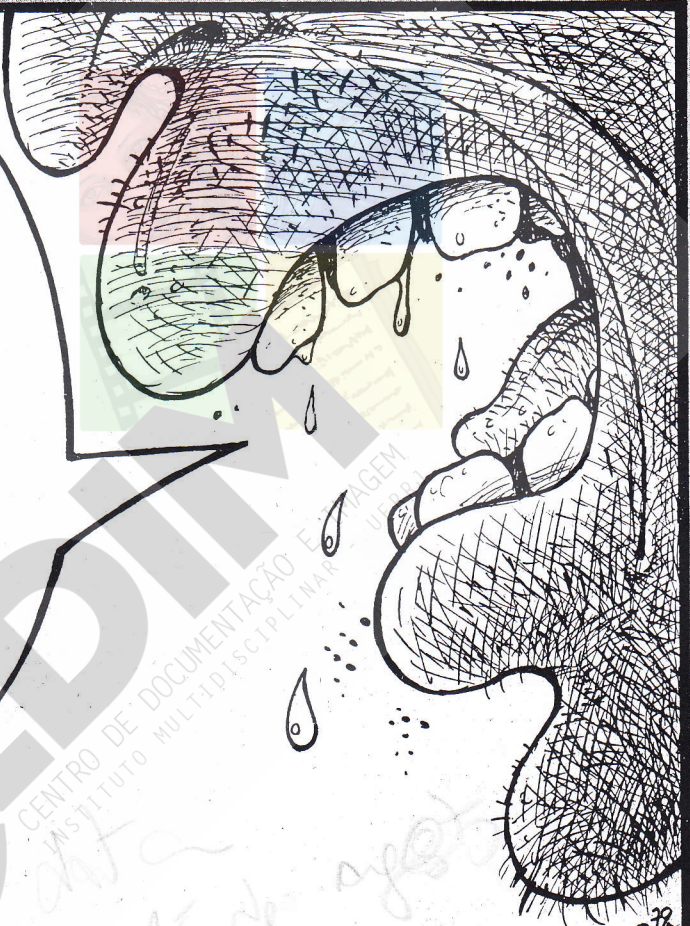
Cr\$4,00

BAIXADA

Pobre, atrevido, independente — Nº 3

**REUNIÃO
MONSTRO
ASSUSTA
PREFEITO
DE NOVA
IGUAÇU**

PÁGINAS 4 e 5.



**Greve fundiu
a Fiat** PÁGINA 2



**Ministro faz cara feia
prometendo fim dos despejos** PÁGINA 2

**Briga de foice contra o boi:
entrevista com Geneci** PÁGINA 3

EXPLODE CORAÇÃO

Um morador atento da Baixada Fluminense costumava compará-la com o coração da cidade do Rio de Janeiro.

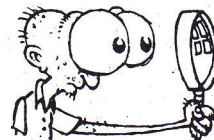
Um coração do lado de fora do corpo? Sim. Porque o coração é aquele órgão que trabalha para que o corpo viva. E a cidade do Rio de Janeiro vive do esforço e do suor dos trabalhadores que, nas suas grandes maiorias, são moradores da Baixada Fluminense.

Estranha cidade que expulsa cada vez mais para longe de si seus próprios construtores e os obriga, ao mesmo tempo, a construir duas, três, cinco, dez cidades. Uma — o Rio — é construída no horário de

trabalho. E as outras — as cidades da Baixada — nas horas de folga.

Nosso jornal, pequeno, é verdade, mas independente e atrevido, só tem que apoiar uma manifestação como a que assistimos no domingo, dia 15 de julho. Três mil moradores de Nova Iguaçu se encontraram para um acerto de contas com o prefeito, através da associação dos Amigos de Bairros.

Estamos prontos a apoiar e divulgar todas as associações de moradores de bairros dos municípios que compõem a nossa Baixada Fluminense. Pouco a pouco, as associações vão se unindo e reivindicando as reais necessidades dos bairros.



OLHO VIVO

Fiat perdeu, vai ter revanche

A Fiat só aceitou a volta de Luis Paulo Gianini se ele assinasse uma carta prometendo comporta-se de acordo com as normas disciplinares da empresa. E assim a greve acabou. A Fiat terminou capitulando. A cartinha, um detalhe ridículo, acaba escondendo uma coisa muito séria: as arbitrariedades e péssimas condições de trabalho que acenderam o estopim da greve.

O juiz do Tribunal Regional do Trabalho, dia 1º, propôs aumento de 26% e mais o índice do governo (para a categoria que recebe os salários mais baixos), enquanto os operários exigiam 90%. Mais: estabilidade de 6 delegados sindicais e a readmissão de Gianini. A assembléia operária topou o acordo. Parecia tudo certo. A Fiat tentou manobrar, não aceitando mais a volta de Gianini. A Assembléia rechaçou de novo. Assim, nada feito. Só depois de escrita a tal cartinha, assinou-se o acordo. Dia 6, segunda-feira, recomeçou o trabalho. No mesmo dia, a assembléia concluiu que a vitória foi basicamente política, já que o aumento representou pouco. A unidade do movimento levantou o ânimo dos trabalhadores e assustou a direção da Fiat. Agora, é abrir os olhos. A direção da empresa só pensa em dividir a classe. Questão de tempo. Veja e confira.

Lá

embaixo



Eleições revelam o despreparo da Fiesp

A disputa pela presidência da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) mostrou a incompetência dos empresários para enfrentar qualquer reivindicação salarial. Paulo Francini, presidente do Sindicato da Indústria de Refrigeração, baixou o cacete em Theobaldo de Nigris, o presidente atual da Fiesp, candidato à reeleição.

Theobaldo só sabia repetir que a pretensão salarial dos metalúrgicos era um absurdo, impossível de ser atendida. O ministro do

Trabalho jamais duvidou da palavra do presidente da FIESP. Passou a tempestade, Paulo Francini expôs a ferida. Ele disse à revista "Isto É", de 8 de agosto: "Os metalúrgicos compareciam às reuniões munidos de gráficos, estatísticas, com a assessoria de órgãos do tipo do DIEESE, enquanto nós, empresários que, pelo menos teoricamente, deveríamos ter maior capacidade de organização, estávamos sozinhos, sem qualquer espécie de informação da FIESP que reforçasse nossas posições".

Andreazza promete, BNH fica enrolando

O ministro Mário Andreazza, do Interior, veio ao Rio só para anunciar um programa de financiamento às famílias pobres, ou que possam pagar a compra de uma casinha. Jornalistas entrevistam o ministro, o presidente do BNH, José Lopes de Oliveira, e o diretor Lúcio de Faria. Um repórter perguntou se o BNH já tinha a solução para o problema dos despejos na Baixada Fluminense.

José Lopes passa a palavra ao diretor Lúcio de Faria. Ele diz que ali o problema é complicado, não pode haver uma solução assim como o programa que estavam lançando.

"É difícil de resolver", disse Faria, "teremos de estudar caso por caso". Andreazza se afastara da

reunião para dar uma entrevista à TV e ficou a um canto da sala, sob a luz dos refletores.

"Caso a caso quer dizer estudar uma solução para cada financiamento concedido. São quase 10 mil residências e apartamentos. Não vai resolver nunca", argumentou o repórter.

"Não é bem assim", respondeu Lúcio de Faria. "Existem casos semelhantes que podem ser agrupados e ter uma solução conjunta".

Outro jornalista, repórter do "Globo", se interessou pelo assunto, levantou-se da mesa e foi chamar o ministro. Andreazza veio e perguntou a José Lopes sobre os despejos da Baixada. José Lopes repetiu o que Lúcio de Faria disse: "A so-

lução é estudar caso por caso". Lúcio de Faria completou dizendo que uma solução geral seria impossível. Andreazza se conveceu da proposta de Lúcio.

O repórter insistiu: "Vai ter ou não vai ter despejos por lá"? Lúcio de Faria, meio sem jeito, explicou: "Em alguns casos existe a possibilidade de haver despejo". Andreazza não gostou, fez cara feia, falou de uma maneira educada, porém firme: "Não, não há possibilidades de haver despejos". Lúcio de Faria engoliu seco e concordou imediatamente com o ministro.

Acontece que, na verdade, o BNH não se interessa em resolver o problema. A intenção é cozinhar em fogo lento, já que a solução imediata significa prejuízo financeiro para o banco. Técnicos do BNH, especialistas em finanças, acham que o banco só quer ganhar tempo. Em outras palavras: deixa estar para ver como é que fica. Despejar os moradores é uma medida impopular para o Governo Federal. Adotar uma medida radical, pressionando as sociedades de crédito imobiliário, prejudica o seu relacionamento com o sistema financeiro. Bancar o prejuízo está fora das cogitações.

O jeito é ficar em cima do muro. Se pular no quintal do vizinho à esquerda tem cachorro bravo. E no vizinho da direita, o cão de guarda também é uma fera.



AGORA ESCREVO EU

Queria me congratular com vocês por esta brilhante idéia que é este jornal. Espero que continuem assim, mostrando para o povo a verdadeira versão dos fatos sem nenhuma deturpação.

Queria também, através deste jornal, tornar público o meu descontentamento com nossas autoridades e, ao mesmo tempo, fazer um apelo. Vejam os senhores: em São João de Meriti, 89% das residências não têm esgoto; 70% do lixo não é recolhido; ruas completamente abandonadas; postos de saúde, só no centro (apenas um posto municipal deficiente), o índice de criminalidade crescendo assustadoramente e água só tem para uma minoria.

Tudo aqui é difícil! Falta tudo! Só uma coisa não falta: imposto. Este é pon-

tual. Deixem de pagá-lo e vejam o que acontece! Estamos num descaso total. Nossas autoridades quando saem de seus gabinetes para darem uma olhada em nosso município devem pensar que estão no município do Faz-de-Conta. Devem pensar que aquela lixarada que eles vêem pelas ruas são pétalas de rosa e que os esgotos são nascentes de água potável.

Agora, vamos aos apelos. Peço às nossas autoridades para que dêem uma vezinha ao povo que há muitos anos vem sendo oprimido, humilhado, explorado. Esse povo é consciente de seus direitos, mas na maioria das vezes não sabe nem quais são os seus direitos.

Afonso Genaro Junior
Eden — São João de Meriti

CONJUNTO A PÉTALA

O SOM NOSSO DE CADA DIA, ESTÁ FAZENDO UM GRANDIOSO SUCESSO NA BAIXADA FLUMINENSE.

TRATAR. Tel: 350-3449 — Julio

OLHO VIVO



EDITORA

Jornal da Baixada
Uma publicação da Olho Vivo.
Editora. Rua Belkis, 108 — fundos — C. da Rocha — S.J., Meriti.
CGC: 30.607.519/0001-01
Tiragem: 5.000 exemplares
Editor: Alceu Nogueira da Gama
Diagramação: Caco Appel
Fotos: Foto Job — Ricardo
Capa: Desenho de Cláudio Paiva
Composto e impresso na Editora Mory
Rua do Rezende, 65/67 — RJ.

Os lavradores são uns dos trabalhadores mais explorados e sofridos do Brasil. Os lavradores da Baixada Fluminense não fogem à regra. Eles estão constantemente ameaçados de serem expulsos das terras, uma conquista de lutas memoráveis na década de 60. A ganância dos latifundiários — que criam gado para enxotar o trabalhador — a expansão urbana, com os loteamentos e os distritos industriais somam com as dificuldades já conhecidas. É falta de crédito, falta de assistência técnica, falta de transportes. Falta de tudo.

O que nunca falta é a disposição de lutar pela conquista de seus direitos, de reivindicar o lugar que lhes pertence como produtores dos alimentos que abastecem as grandes e pequenas cidades. Mais de 80 por cento da produção agrícola sai dos pequenos lavradores. E Delfin Neto, ministro da Agricultura, sabe disso, mas evita o assunto.

Geneci Ferreira, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Iguaçu, pequeno lavrador de Engenheiro Pedreira, conta como é a vida de lavrador na Baixada.

JOB — Geneci, aqui na Baixada tem muito lavrador?

Geneci — Muito. Dizem que na Baixada Fluminense não tinha zona rural, mas é provado que tem. É só dar uma volta por aí pra ver a quantidade. E antes tinha mais. Companheiros lavradores trabalhavam nessas propriedades e hoje em dia são assalariados. Foram expulsos da terra, mas se tivessem terra seriam os mesmos lavradores que eram ontem.

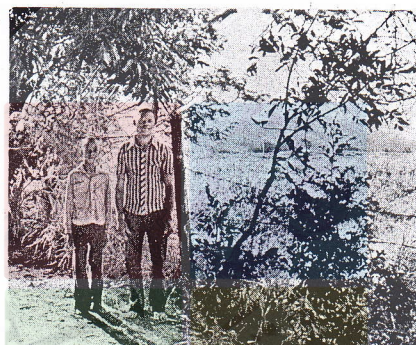
JOB — E a maioria desses lavradores da Baixada, são donos da terra ou não?

Geneci — Possesiros. São todos posesiros.

JOB — Como são tomadas as terras dos lavradores?

Geneci — O grande fazendeiro vai chegando, encostando o gado nas terras do camponês, encostando, encostando, pra obrigar o camponês a abandonar a terra de qualquer maneira. Eles fazem assim. Eles tentam primeiro comprar a terra, é o que querem. E quando a pessoa não quer vender, então eles pegam e botam o gado naquela terra e vai indo, vai indo, vai encostando o boi e não faz cerca nas divisas. O gado vai, então, invadindo a propriedade do posseiro. Quando o lavrador vai reclamar eles não atendem e ainda trazem a polícia para

'... agora apareceu um general dizendo que é o dono da terra'



Na divisa de sua posse com a de outro agricultor. Geneci não tem cerca, pois cada qual sabe o que é seu e não cria problemas. Do lado do fazendeiro, a cerca é obrigatória, do contrário o gado arrasa suas plantas.



bater no lavrador. É assim que ele acaba enxotando aquele posseiro que perde os direitos. As autoridades apoiam o fazendeiro, então o lavrador não consegue mais aquele direito de reagir para garantir aquilo que é dele. Então, eles acabam entregando aquilo barato e vão saindo fora.

JOB — E quando eles tentam reagir?

Geneci — O companheiro que tentar reagir, a ordem é a

seguinte: se prende um boi do fazendeiro que tá comendo a plantação e vai lá e comunica às autoridades, elas não tomam providências, nem vão ver a área que foi prejudicada. Realmente para as autoridades vale mais a sombra do fazendeiro do que a palavra de um lavrador que foi prejudicado. Se o lavrador continuar insistindo, ele tá sujeito a entrar no pau. Foi prejudicado e ainda tem que ficar quieto.

JOB — Quando você veio para cá., Engenheiro Pedreira, essas terras estavam na mão de quem?

Geneci — Quando eu cheguei aqui com meu pai tinha um tenente Pacheco que dizia que era o dono dessa propriedade. Mas essa área de terra foi desapropriada no final do governo de Roberto Silveira. Essa fazenda foi desapropriada e foi dada aos lavradores, que depois iam receber o título definitivo.

JOB — E como é que foi desapropriada?

Geneci — Naquela época, nós fomos despejados da terra. Levaram todas nossas mercadorias, ferramentas e destruíram as casas. Isso foi em 1961. E quem despejou foi o tenente Pacheco.

JOB — E o que aconteceu depois?

Geneci — Aí todos os que fomos despejados fomos até Niterói, falar com o governador. Ele perguntou o que é que tinha sido destruído. Aí disseram: plantação, criação, porcos, galinhas, cabritos, casa queimada, casa derrubada. Então um secretário dele pegou um caminhão e trouxe tudo para cá. O secretário subiu num murrinho e falou: "Eis a fazenda Boa Esperança que foi desapropriada e entregue aos lavradores". E disse pra gente: "Vai lutar pela terra para matar a fome de seus filhos. E quando fizer 10 anos vocês têm o direito do título de posse definitivo". Mas isso nunca foi cumprido. E agora surgiu o problema de um general que apareceu aí e diz que é o dono da terra.

JOB — Como era essa terra quando vocês vieram para cá?

Geneci — Tudo alagado. Isso era água pura. Dava febre até nos paus. Teve companheiros que morreu de impaludismo por causa da febre que deu. Hoje nós conseguimos botar isso do jeito que tá, produzindo. Mas pra conseguir isso, passamos muita fome. Tinha dia que a gente não tinha uma pedra de sal para temperar o feijão. Mas esse era o dia que a gente mais trabalhava: descia, fazia vala, carregava terra de outro lugar, ia aterrando.

JOB — E quais são os outros problemas que o Sindicato vai ter que resolver?

Geneci — Tem muita coisa para ser organizada. A gente não consegue tirar toda a produção porque a estrada é muito ruim e não tem condução fácil. Esse é um problema. Temos que arranjar escola, que as crianças estão sem estudar. Temos que lutar por nossos direitos, todos.

JOB — Você esteve no III Congresso dos Trabalhadores Rurais, que foi feito em Brasília em maio. Que mais o impressionou?

Geneci — Tudo foi muito bonito. Agora aquele sentido da anistia foi muito importante. Tem muito companheiro que veio lutando e sofrendo dentro do trabalho e estão presos. Todos aqueles que sofreram aquela grande injustiça, muitos até morreram. Temos que lutar por eles.

Mais de 3 mil pessoas se reuniram no dia 15, em Nova Iguaçu, para fazer um balanço das lutas do Movimento Amigos de Bairros e para exigir do Prefeito Ruy de Queirós tudo o que ele prometeu e não cumpriu. Representantes e moradores de 70 bairros colocaram suas reivindicações e fizeram as autoridades presentes — o prefeito, vice-prefeito, vereadores, deputados e senador — ver que "o povo já não é mais aquele bando de carneiros", como disse o bispo Dom Adriano Hipólito.

Os 3 mil moradores dos bairros de Nova Iguaçu, durante mais de 4 horas, discutiram seus problemas, aplaudindo os representantes dos bairros e vaiando demoradamente o Prefeito. Ruy de Queirós reconheceu que o povo estava dizendo a verdade: "se não fôsse Prefeito", disse, "também estaria protestando".

"MANIFESTO DE PROTESTO DO POVO"

A Assembléia começou com a leitura do Manifesto de Protesto do Povo de Nova Iguaçu onde se denuncia, entre outros fatos, que 150 mil crianças do município não têm escolas para estudar. Nova Iguaçu, apesar de ser o 7º município mais populoso do país, ocupa o 255º no item "saneamento geral". De cada 100 casas, 8 estão ligadas à rede de esgoto; e apenas 25 à sede geral de abastecimento de água do Município. De cada 100 ruas, 10 têm iluminação pública. 20 mil famílias, moradoras dos chamados conjuntos populares do BNH, estão ameaçadas de despejo. Um projeto da Rede Ferroviária Federal que desapropriar cerca de 60 mil lotes nas regiões de Cabuçu, Austin e Queimados, para instalar um Centro Tecnológico, ameaçando perigosamente a situação de milhares de famílias que moram naquela região.

"Diante de tudo isso", diz o documento, "a situação dos bairros só não é pior porque o povo freqüentemente promove melhorias do seu próprio bolso e com seu próprio esforço, como é o caso da instalação de manilhas, aterro de ruas, tubulação para água, luminárias e até mesmo a construção de mini-postos de saúde e prédios escolares". E finaliza: "Protestamos, por

fim, contra a manutenção de toda essa situação de injustiça social e de marginalidade a que estamos submetidos. Nós, moradores da Baixada, somos milhares de famílias de trabalhadores que vemos como retribuição de nosso trabalho e da riqueza que ajudamos a construir, a permanência de um estado de coisas que só favorece a um pequeno grupo de privilegiados. Hoje estamos certos de que nada disso mudará se não for a partir da nossa presença e participação. Repetimos que não vamos mais pedir licença para participar. Este é o nosso protesto que é também a nossa participação como cidadãos e trabalhadores".

"O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO"

Depois da leitura do documento, Bráulio Rodrigues, morador do Bairro Monte Líbano e coordenador da Assembléia, passou a palavra aos bairros e avisou às autoridades: "Tenham paciência de ouvir esse povo que há 15 anos não pode se expressar". E disse ainda: "Governar com ditadura é muito fácil. Mas governar com democracia é difícil".

Dª Terezinha, representante de Jardim Gláucia, comparou a situação de Nova Iguaçu, um município onde moram principalmente trabalhadores, com os bairros privilegiados do Rio de Janeiro: "Por que uma diferença tão grande entre os bairros de Nova Iguaçu e os bairros do Rio de Janeiro que já têm melhoramentos? Por que as verbas não são melhor distribuídas? Por que tudo que é feito pra nós não é bem feito como nos bairros privilegiados? Por que todas as portas se fecham para as necessidades concretas do povo? Frente a isso, fazemos um apelo: somente unidos, a gente é forte. Somente unidos, a nossa voz será ouvida".

O representante do Bairro Santo Elias denunciou que há 25 anos seu bairro está cheio de lixo, esgoto, valas na rua. As crianças adoecem com a água contaminada. "Não temos água e estamos cansados de esperar. Já estamos cheios mesmo. Tem hora que a gente não tem nem palavras pra dizer". O representante de Areia Branca continuou: "Aqui estou para denunciar que o meu problema é certamente igual ao de vocês. Nós os moradores vivemos em condições sub-humanas. Nenhum povo civilizado, aceita

Domingo de protesto: encurralado prefeito de Nova Iguaçu.

condições sub-humanas como essas. E nós, trabalhadores, homens honrados que somos, temos que suportar essas condições? Estamos dispostos a morrer, se necessário, para conseguir condições de vida melhor para nossos filhos".

"SOMOS CONTRIBUINTES, NÃO SOMOS PEDINTES"

O representante de Caioba cobrou do Prefeito uma portaria de 1969 que baixava os preços dos ônibus do município em 11% e até hoje não foi aplicada. Seu argumento para cobrar o cumprimento da Portaria era este: "Nós estamos pagando impostos absurdos e nada recebemos em troca. Temos que receber pelo que pagamos". O representante de Ponte Preta sugeriu ao Prefeito que não ficasse atrás dos escritórios, mas que saísse nas ruas e visse o sofrimento do povo.





"JARDIM TROPICAL TEM CANOS MAS FALTA ÁGUA"

O representante de Nova América denunciou que no seu bairro "as escolas estão abandonadas, as ruas estão abandonadas, não tem água, não tem luz, falta tudo. O prefeito prometeu que ia visitar o bairro e não foi. O nosso povo está sofrendo". O representante de Engenheiro Pedreira falou do isolamento do seu bairro, da falta de água, de escola, de esgoto e de luz. O representante de Santa Amélia completou: "Ninguém pode mais suportar a situação dos bairros. Ser assaltado nas ruas, sem que nada seja feito. Não devemos mais permitir que isso aconteça. Nós devemos nos organizar e lutar pelos nossos legítimos direitos. Exigir nossa casa própria nos conjuntos. Não devemos mais ficar esperando. Devemos partir pra exigir".

queimadas". "Bebemos água poluída dos poços e damos graças a Deus quando não está na época da seca, porque aí a gente fica é sem água mesmo". Um morador do bairro Andrade de Araújo pediu a palavra e falou do custo de vida na Baixada, um assunto que ainda tinha sido falado. Perguntou ao prefeito: "Por que o feijão tem que ser vendido a 26 o quilo? A maçã que vem da Bolívia, vem lá do inferno, com perdão da má palavra, custa menos do que o feijão que vem daqui mesmo. Por quê? O que é que um trabalhador vai fazer com um salário de 2 mil? Como é que ele vai alimentar a família? Eu sou analfabeto mas não sou burro não, seu prefeito. É preciso que o governo cuide do setor da alimentação que está totalmente esquecido".

"NÓS ESTAMOS AQUI PARA APRESENTAR PROPOSTAS"

Depois o Prefeito falou, tentando responder às reivindicações dos bairros. Ele foi vaiado longamente, várias vezes. Logo a seguir a coordenação do Movimento Amigos dos Bairros apresentou as propostas para aprovação da Assembléia. O Prefeito quis sair antes da leitura das propostas, mas a assembléia em coro, gritando — "Fica! Fica! Fica!" — fez com que ele voltasse ao palanque.

As propostas aprovadas foram essas:

- que a prefeitura, de 3 em 3 meses, apresente um plano de aplicação dos recursos e que esse plano seja elaborado de maneira clara e detalhada para que a população possa fiscalizar a sua aplicação.

- que a taxa escolar seja anulada, já que a responsabilidade pela manutenção das escolas é uma obrigação do governo e não pode ser transferida para o bolso dos pais.

- que a Prefeitura volte a atender os bairros em audiência pública, na Rua Otávio Tarquino.

- que a Câmara de Vereadores promova encontros com os moradores de Nova Iguaçu.

O governador Chagas Freitas, apesar de convidado, não compareceu à Assembléia: mandou um telegrama de justificativa um dia depois. Chagas Freitas só vai se lembrar que Nova Iguaçu é o segundo maior Município do Estado quando chegar a época das eleições.

"NÃO SOMOS SANTOS PARA VIVER DE PROMESSAS"

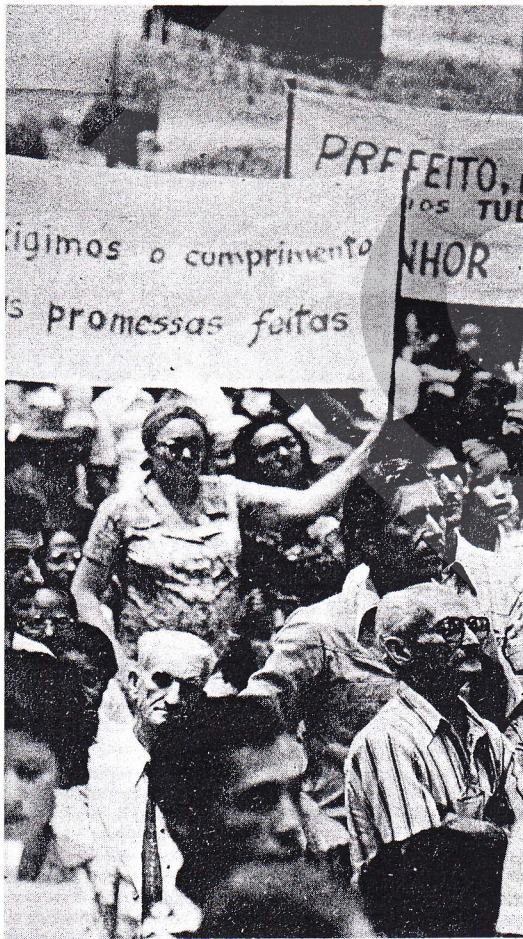
O representante de Bairro Jardim Alvorada denunciou que saiu o dinheiro para calçar uma rua do seu bairro. Mudou-se o nome da rua: nada de calçamento. O representante de Vila Paulina pediu às autoridades que não privassem o trabalhador do único dia de descanso — o domingo: "É comum a gente ver as pessoas aterrando ruas e limpando valas nos dias de folga. Mas nós somos brasileiros, pagamos nossos impostos em dia. O prefeito devia passar, pelo menos de helicóptero, por cima de Vila Paulina pra ver a miséria que nós vivemos". O representante de Jolá e Santa Maria denunciou: "A taxa escolar é inconstitucional. Se o aluno não paga, não pode estudar e isto está contra os direitos humanos". Ele perguntou ao prefeito: "Nós pagamos os impostos, mas cadê as obras?"

"O BAIRRO SÓ TEM LUZ QUANDO AS NOITES SÃO DE LUA"

O representante de Vila Grajaú denunciou que há 20 anos a única coisa que seu bairro ganhou foi a iluminação pública. "Mesmo assim, agora muitas lâmpadas estão

"CHOVE PROMESSAS MAS AINDA NÃO TEMOS ÁGUA EM MESQUITA"

O representante de Mesquita foi direto ao assunto: "Já estamos cansados de lengalenga. A autoridade fala, fala e não faz nada. Não dá mais pra agüentar. Eles ficam fazendo praças pros ricos. E pra nós, pessoal? E pra nós?" O representante de Queimados disse que vinha cobrar do Prefeito o que ele prometeu durante a campanha eleitoral: "Onde está a escola que o sr. prometeu?" E mostrou quem estava cobrando a promessa: toda a assembléia que aplaudia suas palavras; "Agora, com os senhores estão vendo aqui, o povo já não é mais aquele bando de cordeiros. O povo está se organizando para exigir seus direitos". O representante do Jardim Guandú, Km 32 também falou: "Estamos fartos de esperar a reivindicação que vem sendo feita há mais de 3 anos. No nosso bairro falta tudo: esgoto, iluminação pública, posto médico, escola. Denunciou que a linha Cabuca — Campo Grande cobra uma passagem inteira pela metade do percurso.



Trem do governo vai atropelar 4 bairros

As populações de Marapicu e adjacências — Ipiranga, Comendador Soares, Cabuçu, Austin — estão ameaçadas de desapropriação: a Rede Ferroviária Federal anunciou que vai construir nessa área um Centro Nacional de Tecnologia Ferroviária.

Para a construção desse Centro está previsto um terreno de 40 milhões de m² — mais ou menos igual às áreas do Centro e Zona Sul do Rio de Janeiro. E acontece que a região escolhida é justamente uma área densamente povoada, com cerca de 59 mil lotes e grande número de granjas, olarias e até pequenas indústrias. Ninguém sabe porque foi escolhido esse local.

Os principais envolvidos nessa questão, os moradores dos quatro bairros, não foram nem informados e muito menos consultados

sobre o assunto. Só receberam uma ordem de parar a construção de casas e lojas no local pois a Rede Ferroviária só indenizaria as que tivessem sido construídas até aquela época. Depois disso, nenhuma outra autoridade — nem o Prefeito — prestou esclarecimento à população sobre a razão e a importância desse projeto.

Diante dessa situação, os moradores e proprietários da região vêm se reunindo e se organizando para impedir a construção do Centro naquele local. Formaram uma comissão para estudar o problema e dia 19 de agosto está marcada uma grande reunião de mobilização, para a qual será convidada a imprensa e as autoridades.

O povo dos quatro bairros exige o direito de participar de uma decisão que vai influir demais em suas vidas.

A Rua Carioca, em Vila Rosaly, São João de Meriti, está péssima. Os moradores de lá não agüentam mais o descaso das autoridades e fizeram um abaixo-assinado com 230 assinaturas e levaram ao Prefeito.

Na rua passa um valão onde desemboca o esgoto. Quando chove, o valão devolve o esgoto dentro das casas. Mauro, morador do n.º 239, explica: "O valão parou na variante porque foi uma obra iniciada pela ARENA. Mas quem ganhou as eleições foi o MDB". Outro morador disse: "Os políticos só aparecem aqui em época de eleições e depois não dão a menor atenção aos problemas da gente".

José Leite Leal, do Bairro Silva Cardoso, Caxias, diz que seu bairro precisa de asfalto, escola, posto médico e "aterro pras ruas porque elas são baixas e quando chove, mesmo que seja só uma chuvinha fraca, ficamos sem poder sair de casa".

Os moradores do Bairro Vila Rica também não estão podendo sair de casa depois das 19 horas. Mas o motivo é outro: falta de segurança. Para não ser assaltado, quem tem que sair pede a parentes e amigos para acompanhá-lo até o ponto do ônibus.

Abaixo-assinado com



cerca de 500 assinaturas foi encaminhado ao diretor da Empresa Novo Horizonte, pelos Amigos do Bairro de Eden, São João de Meriti, pedindo alterações na linha para atender melhor às necessidades do pessoal do bairro. O diretor da empresa não quis receber a Comissão de moradores que levava o abaixo-assinado. Já que o diretor está de má-vontade, os Amigos do Bairro de Eden pretendem encaminhar o abaixo-assinado ao Departamento Geral de Transportes Concedidos, em Niterói.

A Associação dos Bairros Reunidos, Nova Iguaçu, começou em julho o curso profissional de Técnicos Industriais de Serralheria e Desenho Industrial (interpretação). E com isso, a coordenação da Associação pretende fazer os moradores se sentirem cada vez mais unidos em torno dos problemas dos seus bairros. Outro acontecimento importante ali perto, foi no Pilar: a vitória dos moradores que encaminharam um abaixo-assinado exigindo a realocação das comportas no Rio Pilar e das bombas nos rios Pilar e Iguaçu para evitar as constantes inundações. A Prefeitura de Nova Iguaçu, junto com o 15.º Batalhão da PM, armou um acampamento no bairro para a realização dessas obras, além de fazer atendimento médico dentário e regularização de documentos.

Nasceu um jornal em Vila Norma, para discutir seus problemas. Vila Norma, encravada entre São João de Meriti, Nilópolis e Nova Iguaçu, está numa situação complicada. Paga imposto em Nova Iguaçu e recebe água de Nilópolis. Há dois anos os moradores estão lutando pelo melhoramento do bairro e agora criaram o jornal. O nome: "Semente".

Quartel da PM não vê assalto em Vila Emil

Os moradores do Bairro Vila Emil e adjacências levaram ao Prefeito de Nova Iguaçu um abaixo-assinado onde relatam a difícil situação do bairro. Vila Emil é um bairro com mais de 20 anos e cerca de 30.000 moradores: Trabalhadores que saem de manhã para trabalhar, deixando suas famílias em condições precárias.

As ruas do bairro, em sua maioria, estão canalizadas e alguns moradores chegam até a receber contas de água, sem nunca terem recebido água. A solução que os moradores encontraram foi se abastecerem com água de poço, poluída. Ninguém tem condições de tratá-la. Ou então compram água a 500 cruzeiros a pipa. Nem mesmo o Grupo Escolar Brasil, com mais de 1.000 alunos tem água potável. Para não passarem sede, os próprios alunos têm que levar água de casa.

Fato mais absurdo ainda se levarmos em conta que o prédio onde funciona a TELERJ tem água à vontade.

Só a rua principal foi calçada há pouco tempo. Quando chove, as outras ruas ficam intransitáveis. Também não são iluminadas. Com tudo isso, o número de assaltos é impressionante. Pesquisa feita recentemente no bairro demonstrou que todos os moradores têm casos de assalto em sua família. E o bairro tem um Quartel de Polícia Militar bem próximo.

Outro problema é o transporte. Só tem uma linha no bairro que explora os usuários como quer, atendendo muito mal à população. Quem precisa chegar logo ao Centro de Mesquita tem que andar 2 km a pé. E se quiser chegar a Nova Iguaçu também anda bastante a pé para pegar outro ônibus.

SERVE-BEM DROGARIA LIMITADA

VARIADO ESTOQUE DE
MEDICAMENTOS
E PERFUMARIAS
O MENOR PREÇO DO BAIRRO

*Faça-nos
uma
visita*

AV. DUQUE DE CAXIAS, 89 - Centro - CAXIAS

Tel. 771-7074

Escravidão ainda não acabou, diz Da. Maria

D^a Maria, moradora de São João do Meriti, está revoltada: "A escravidão ainda existe na Lavanderia Novo Mundo pois o patrão de lá trata suas empregadas como escravas. A injustiça e o desrespeito a nós, mulheres, é tanto que eu fico revoltada e falo por todas as mulheres trabalhadoras de lá. E digo que não podemos aceitar o que esse patrão está nos fazendo."

Explica D^a Maria: "Em primeiro lugar, eles não pagam os nossos direitos de adicional noturno, insalubridade, hora extra. E sem falar no papo e na conversa fiada dele, tentando

conquistar as empregadas e as pobres coitadas, com medo de perder o emprego, se sujeitam a aceitar as propostas do tal patrão."

"Foi por isso que resolvi denunciar tudo para que outras mulheres não fiquem sujeitas a essas injustiças. E para que lutem, lutem mesmo contra este e outros tipos de exploração. E digo mais: ele não bota homem no serviço pesado porque pras mulheres ele paga menos. Mas todos nós sabemos que a gente trabalha igual ao homem. Só não sabemos por que ganhamos menos."

Povo fala



Pista matou 33: tudo bem no Detran

Dona Terezinha, do Jardim Gláucia conta: "Em 1976, nossa Estrada Automóvel Club foi pavimentada. Havia 20 anos que

esperávamos por isso, mas eles asfaltaram a pista e não colocaram placas, nem sinais, nem lombadas. Logo começaram as vítimas. Em 5

meses, ocorreram 20 acidentes com 8 mortes. A população entregou ao Detran pedidos de sinal, placas e lombada. O documento foi engavetado. Continuamos a pedir e nada foi feito. Aumentaram as vítimas: em maio de 1979, já haviam ocorrido 40 acidentes com 25 mortes. As últimas vítimas foram pai e filho: Hamilton, operário, morava na Rua Olavo Batista no Jardim Bom Pastor. Ele estava levando o filho para a escola, no Jardim Gláucia, já que na Baixada do Bom Pastor não existe nenhuma escola pública, embora mais de 500 crianças vivam aqui."

BAIXO ASTRAL



Professor Dementel

LEÃO

22 de julho a 22 de agosto

Este signo tem como característica a falta de dinheiro, uma certa tendência a trabalhar incansavelmente para, no final do mês, já estar devendo o salário do mês seguinte.

Iniciando uma série que analisará signo por signo do astral, o prof. Dementel transmite a seguir os seus conselhos para os nativos de leão: nada de prepotência, leão. Você pode ser rei lá no oco da selva. Aqui, meu nego, nos becos da Baixada, com o Esquadrão reinando impunemente, todos nós somos patos. Evite brigas e desentendimentos. Ao receber o tabefe numa face, ofereça a outra, antes que o inimigo tome a iniciativa. Quem espera sempre cansa, você já devia saber disso. E lembre-se: o dinheiro não traz a felicidade; leva você até ela.

COR: Ruça.

DIA: "D"

METAL: Chumbo, do grosso.

PEDRA: Paralelepípedo.

FLOR: Margarida. Eu, por exemplo, prefiro a Carolina.

PERFUME: De presunto.

AMOR: Não dê "bola" praquela guarda corrupto.

FINANÇAS: Compre o Jornal da Baixada. Ele rende.

Juro!

CANTINHO DO CHORO

Sou professora pública. Desde março estou esperando o aumento que nos foi prometido. Todos os dias escuto dizer: "para o mês sai o dinheiro". Só que até hoje não saiu, e ainda dizem que só no ano que vem. Já apelei pra todos os santos e usei de todos os meios para saber o que acontecerá. Foi quando comprei o Job e descobri o senhor. Quais serão as previsões, prof. Dementel? Qual será o meu dia de sorte? (Professora aflita)

— O seu dia de sorte, minha filha, como o de todos os professores, dependerá de um grande dia de azar, o grande dia de azar deste país, quando todos perceberem, tarde demais, que o ensino é bem mais importante do que toda essa demagogia que andam fazendo com os professores.

Terra: sindicato voltou

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Iguaçu foi reorganizado pelos lavradores do município, reunidos em Assembléia no dia 16 de julho no Centro de Formação de Líderes de Moquetá. O Sindicato, fundado em 1966, estava desativado e os trabalhadores rurais do município não tinham como defender seus direitos. Mais de 150 lavradores assistiram à reunião.

Esta assembléia foi preparada por várias reuniões nos locais de maior concentração de trabalhadores rurais de Nova Iguaçu: como Pedra Lisa, Engenheiro Pedreira, Queimados, num trabalho de esclarecimento e mobilização que faz prever um futuro bem ativo para o sindicato em sua nova fase.

Durante a cerimônia de reorganização do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Iguaçu, Bráulio Rodrigues, antigo dirigente sindical dos trabalhadores rurais do município, historiou a luta de trinta anos que os lavradores vêm desenvolvendo para con-

seguir terra para trabalhar e produzir.

Bráulio falou nos antecedentes do Sindicato, entre os quais estava a Associação dos Lavradores de Pedra Lisa, que manteve ambulatório e um caminhão para o transporte da produção, além de ter conseguido a desapropriação de 32 fazendas na época de Roberto Silveira. As terras desapropriadas não foram regularizadas. Os lavradores-possesores continuam ameaçados por grileiros, que se apoiam nas autoridades para prejudicar os trabalhadores

e expulsá-los de suas terras. Bráulio falou também da intensa repressão policial que sofreu o movimento dos lavradores. Ele mesmo foi vítima: preso, torturado inúmeras vezes, e obrigado pelos órgãos de segurança a abandonar sua posse em Pedra Lisa, sob ameaça de morte.

A diretoria eleita pela Assembléia está encabeçada por Geneci Ferreira, lavrador de Engenheiro Pedreira. O Sindicato já está funcionando na rua Otávio Tarquinio n.º 57, sala 19, centro de Nova Iguaçu.

ADVOCACIA
EM GERAL

**Dr. Pierre
François**

Av. Brás de Pina,
38/208 B — Penha

Tel. 270-4344.

MÃOS AO ALTO!



E AGRADEÇA AOS CÉUS. A ASSINATURA DO REPORTER ESTÁ QUASE DE GRÁTIA: Cr\$ 160,00. BASTA LIGAR PARA 253-5038 OU MANDAR O CUPOM ABAIXO PELO CORREIO.

REPORTER
UM JORNAL QUE CAIU DOS CÉUS

CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: 160,00

— Envie cheque nominal ou vale postal para:

MARGEM EDITÓRIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.
Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj. 1101/1104 20000 RJ

Você pode assinar o REPORTER, a partir do n.º 0

Indique a partir de que número você quer sua assinatura...

Nome:

Profissão:

Endereço:

CEP:..... Cidade:..... Estado:



ARREBITE



Pais apoiam professores: a greve é justa

Enquanto o Secretário de Educação Arnaldo Niskier e o prefeito do Rio, Israel Klabin, continuam insistindo na mentira de que os professores do Estado são os "mais bem pagos do Brasil" a greve daqueles que recebem um salário de fome para dar aulas prosseguia, apesar da repressão.

Na Baixada, um dos municípios cujos professores mais se mobilizaram foi São João de Meriti. E por causa disso mesmo lá a repressão policial e administrativa foi muito sentida.

Clóvis Correia de Oliveira Filho, do Centro Estadual de Professores — CEP do município, que está em fase final de organização, explica alguns aspectos da greve em São João.

— Apenas três escolas funcionam integralmente em todo o município. Algumas funcionam parcialmente em alguns turnos e a maioria não funciona. No 1.º dia de greve a adesão dos professores foi por volta de 50%, mas uma semana depois, no dia 7, cerca de 80% dos

professores lotados no município estavam parados.

A repressão policial e administrativa é muito grande. Não se permite a distribuição de notas nas portas dos colégios e houve várias prisões. Uma delas foi a do próprio dirigente do CEP, Clóvis Correia Filho ficou detido 4 horas no Departamento de Polícia Política e Social, no dia 6, tendo sido interrogado sobre a greve e sobre o funcionamento do CEP.

Outros casos de prisão foram os das professoras Laura da Costa e Nilce Azevedo, que foram detidas em Vilar dos Teles quando distribuíam notas sobre a greve, informando a população sobre os pedidos dos professores.

O professor Clóvis Correia acha que, nesta greve, houve uma maior compreensão, por parte dos professores, do seu papel na sociedade.

— O que nos dá maior força e garra, concluiu ele, é o apoio dos pais, que procuram não mandar os filhos às escolas.

A campanha salarial de 1979 do Sindicato dos Metalúrgicos já começou, quase quatro meses antes da data básica do dissídio da categoria, marcada para outubro. Essa preparação antecipada vai permitir que todos os trabalhadores do setor participem amplamente da campanha, mobilizando-se para conseguir as reivindicações decididas pela Assembléia.

Uma grande novidade da campanha salarial deste ano é a realização de assembleias por áreas e a subdivisão da Comissão de Salário também por regiões, de acordo com sua importância. Os operários metalúrgicos compreenderam que com a grande base territorial do seu sindicato — municípios do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis, S. João de Meriti, Paracambi, Mangaratiba e Itaguaí — é preciso garantir a representatividade de toda a base sindical. Por isto, a subdivisão da Comissão de

Salários por regiões. A Assembléia Geral que decidiu as linhas da minuta a ser discutida por todos os metalúrgicos, como base de suas reivindicações, elegeu também a Comissão de Salário de 100 operários.

As reivindicações da categoria são as seguintes:

O índice salarial exigido é de 83%, para compensar a deterioração dos salários dos operários no período de arrocho.

O item sobre estabilidade incluiu a luta por mecanismos de controle da rotatividade da mão-de-obra, a estabilidade para os Delegados Sindicais e para a mulher gestante até dois anos depois do parto. A Assembléia decidiu exigir também adicionais de insalubridade acima do piso salarial, extensivo a toda a categoria, além de melhores condições de trabalho e maior fornecimento de material de proteção. Foi pedida também a instalação de creches em todas as

empresas, para cumprir a letra da lei.

Outro aspecto importante das reivindicações da campanha salarial foi a antecipação da data básica do dissídio para o dia 1.º de agosto, em conjunto com o dissídio dos trabalhadores da Fiat Diesel. O salário mínimo metalúrgico a ser reivindicado é de Cr\$ 6.114,00, o mínimo estabelecido pelo DIEESE no início de 79.

Os metalúrgicos querem a equiparação dos salários de todos os trabalhadores que ocupem as mesmas funções, sejam maiores ou menores. As subcomissões devem discutir também a exigência de que as férias sejam pagas em dobro e a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, eliminando o abuso de horas extras.

A discussão desse programa da campanha salarial está sendo feita por regiões para permitir uma maior participação de todos. A Comissão de Salários acredita que assim poderá conseguir maior unidade e disposição de luta.

CHICO BÉ



O ESTALEIRO CANECO, que todo mundo conhece, vem demonstrando, com caótico desempenho, até que ponto chega a arbitrariedade e a arrogância dos patrões. Como se não bastassem as péssimas condições de trabalho, seus operários ainda têm que se submeterem à violência policial dos chamados "segurança", indivíduos que na verdade não passam de leões de chácaras, pagos para segurarem a barra dos chefetes. Outro dia um trabalhador foi barrado pelos tais guardas, quando saía do refeitório com um copo de plástico na mão. Não se tratava de nenhum copo de cristal, não. Era daqueles copinhos de plásticos, que você usa e joga fora. Esses copos têm alguma serventia para os trabalhadores que executam suas tarefas no interior dos navios, simplesmente para armazenarem água, evitando assim o desgaste de saírem à pro-

cura dos bebedouros toda vez que têm sede. Ao tentar sair com o "valioso" copo, o operário foi segurado e espancado pelo "segurança" da empresa. No final da "lição de bons costumes", aplicada pelos citados leões, o trabalhador tinha, como fruto do aprendizado, o corpo coberto de hematomas e um olho completamente roxo, para quem quisesse ver (desculpa o trocadilho, prof. Dementel!). Ao procurar a direção do Estaleiro, queixando-se da violência sofrida, o trabalhador foi sumariamente demitido, pasmem, por justa-cause. E assim está o trabalhador brasileiro. Cada vez mais exposto às excentricidades empresariais, cada vez mais fundido, mal pago e mal tratado. O patrão lá do Estaleiro, como todos os patrões daqui ou do inferno, tá na dele. Apoiado e avaliado por um sistema que tá pra endossar essa relação desonesta, injusta, humilhante.

UMA RAZOÁVEL, pra amenizar: estão praticamente suspensos os despejos da Vila Operária da FIAT. As casas e apartamentos serão vendidos, dando-se preferência aos já moradores. A curiosidade agora é quanto ao plano de pagamento a ser adotado pelo Ministério da Fazenda, atual administrador da Vila.

MAIS ESTALEIRO E (IN) SEGURANÇA! A EMAQ, estaleiro naval, situado na Praia da Rosa, Ilha do Governador, com mais de 5.000 trabalhadores, tem contrato com umas 12 empreiteiras, a maioria delas de propriedade de diretores e engenheiros do próprio Estaleiro (Eta, corrupção! Eta, cachorrada!). Uma delas, a mais procurada pela EMAQ, é de propriedade do senhor Marcos (lá vem processo pra cima de mim!), engenheiro do Estaleiro. As condições de trabalho nessas empreiteiras são as piores possíveis. Dias atrás o trabalhador de nome Francisco, 45 anos, fazia um minucioso trabalho de pintura no porão de um navio. É sabido que nesse tipo de trabalho, é necessário umas paradas pra respirar. Ficar lá no fundo do navio, respirando tinta, é pra leão.

Como seu Francisco não subia nunca pra dar sua respiradinha permitida, o segurança (epa!) desceu pra ver o que estava acontecendo. Seu Francisco estava desmaiado no porão do navio. O exaustor estava quebrado há muitos dias, e a tinta que ele usava era altamente tóxica. Seu Francisco foi carregado pra cima do navio pelo segurança que lhe ofereceu um copo de leite e foi-se embora. E deixou o homem lá entregue à própria sorte.

PEGUEI-TE, CASAS SENDAS! Espalhada por todo o Grande Rio, a Casas Sendas tem gasto uma fortuna incalculável em anúncios de televisão, pra fixar uma imagem de boazinha, certo? Mas não é nada disso. Carinho com seus funcionários? Ampla assistência médica? Restaurantes, escolas etc? Há pouco foi inaugurada a tal da 'Sendolândia, palhaçada patronal, para enganar o trabalhador que, sentindo-se bem tratado, com o lazer nas mãos, desvia o olhar das injustiças agüentadas no cotidiano. Outro dia os bem-intencionados Sendas fizeram um funcionário assinar uma carta de demissão pensando que tratava-se de

uma promoção. O funcionário não sabia ler, tinha cinco anos de firma e foi pra rua com uma mão na frente e outra atrás.

Desconheço atitude mais inescrupulosa, mais calhorda, mais aviltante e desonesta. Esse trabalhador hoje, por ter uma idade já avançada e pouca especialização profissional, anda por aí, desesperado à procura de emprego, vítima da má fé dos senhores Sendas. Outro funcionário que esqueceu a chave do armário em casa, teve que arrombá-lo para apanhar o uniforme, e não perder o dia de serviço, já que não pode trabalhar sem aquela fardinha horrorosa. Resultado: foi demitido como arrombador! Malandragens como essas são frequentes na Casa Sendas. Os trabalhadores que me deram essas informações pediram que não divulgassem seus nomes. Eles estão com processo no Ministério do Trabalho.

Sei que a direção da Fiat ficou bronecada comigo por causa da Edição Extra que a gente preparou falando só da greve. Eu quero que eles se danem. Pagam pouco, não cumprem a lei, aprontam com o pessoal e querem o quê? Que eu fique aplaudindo? Um catzo, italiano imbecil.